



VERONICA ROSSI

Sob o Céu Que não Existe

Tradução
Irene Daun e Lorena
Nuno Daun e Lorena

LIVROS FANTÁSTICOS

 Planeta





PARA LUCA E ROCKY





CAPÍTULO

Aria

Chamavam Loja da Morte ao mundo para lá das muralhas do Casulo, um deserto onde era possível morrer-se de um milhão de maneiras diferentes.

Aria mordeu o lábio, olhando para a pesada porta de aço na sua frente, com o dístico AGRICULTURA 6 – ENTRADA PROIBIDA escrito a vermelho.

A Ag 6 era apenas uma cúpula de serviço, disse a rapariga a si mesma, uma das dúzias que abasteciam Reverie de comida, água, oxigénio e tudo aquilo de que a cidade fechada precisava e parecia ter ficado danificada numa tempestade recente.

– Talvez seja melhor voltarmos para trás – disse Paisley a seu lado na câmara de entrada, torcendo, nervosa, uma madeixa de cabelos ruivos.

Os três rapazes acocoraram-se junto do painel de controlo da porta, tentando encravar o sinal para poderem sair sem disparar qualquer alarme.

– Deixa-te disso, Paisley. O que achas que pode acontecer? – perguntou-lhe Aria em ar de brincadeira, emitindo uma risada quase histérica ao ver que as palavras lhe tinham saído altas de mais.

– Pois! O que pode acontecer numa cúpula danificada? – perguntou Paisley, contando pelos dedos esguios. – Pode apodrecer-nos a pele, podemos ficar fechados cá fora, uma tempestade da Aether pode transformar-nos em *bacon* e os canibais podem comer-nos ao pequeno-almoço.

– O mesmo que em Reverie – replicou Aria.





- Sim, mas só em circunstâncias especiais.
- Ninguém te obriga a ir, Pais.
- Nem a ti – replicou esta, apesar de estar enganada.

Havia cinco dias que Aria andava preocupada com a sua mãe, sem conseguir contactar com ela. Lumina não perdia uma única visita diária, por mais embrenhada que estivesse nas suas pesquisas médicas. Se queria uma resposta, a rapariga tinha de entrar naquela cúpula.

– Pela centésima vez... Pela centésima vez não, pela milésima vez, a Ag 6 é segura – disse Soren sem virar as costas ao painel. – Achas que quero morrer hoje?

O rapaz gostava de mais de si próprio para arriscar inutilmente a própria vida. Aria olhou-lhe para as costas musculosas. Soren era filho do Chefe de Segurança de Reverie, tinha o corpo dos privilegiados, incluindo a pele bronzeada, uma coisa ridícula, já que nenhum deles alguma vez vira o Sol, e era um craque a decifrar códigos.

Desgraça e *Eco* observavam-no. Os dois irmãos seguiam-no para todo o lado. Soren tinha centenas de seguidores, mas apenas nos Reinos. Naquela noite só cinco violavam a lei com ele.

O rapaz levantou-se e disse com um sorriso pretensioso:

- Tenho de falar com o meu pai por causa destes códigos de segurança.
- Conseguieste? – perguntou-lhe Aria.

Soren encolheu os ombros.

– Tinhas dúvidas? Agora vamos à parte melhor, que é desligá-lo.

– Espera – disse Paisley. – Pensei que ias só bloquear os nossos Olhos Inteligentes.

– E foi o que fiz, mas isso não nos dá tempo suficiente. Temos de os desligar.

Aria passou um dedo pelo seu Olho Inteligente, que usava no olho esquerdo, sempre ligado. O olho levava-os aos Reinos, os espaços virtuais onde passavam a maior parte do tempo.

- Caleb mata-nos se não voltamos a tempo – disse Paisley.
- O teu irmão e os temas da noite dele! – disse Aria, revirando os olhos.

Era costume a rapariga navegar nos Reinos com Paisley e Caleb, partindo do seu ponto de partida preferido, o 2.º Salão de Gen. Ao longo do mês





o rapaz planeava-lhes as noites em volta de vários temas. O daquela noite, Feeding Friend-zies, começara num Reino Romano onde tinham comido javali assado e ragu de lagosta e depois tinham navegado até uma alimentação do Minotauro num Reino Mitológico.

– Ainda bem que saímos antes das piranhas. – Graças ao Olho Inteligente, a rapariga visitava todos os dias a mãe, que fora para Bliss, outro Casulo a centenas de quilómetros de distância, continuar as suas pesquisas. A distância só começara a fazer diferença cinco dias antes, ocasião em que o *link* desaparecera. – Quanto tempo vamos ficar lá fora? – perguntou Aria, que só precisava de alguns minutos sozinha com Soren para lhe perguntar o que se passava com Bliss.

– O suficiente para fazermos uma festa! – respondeu *Eco* com uma careta.

O verdadeiro nome de *Eco* era Theo, mas quase ninguém se lembrava dele porque a alcunha não podia ser mais apropriada.

– Podemos desligar por uma hora – disse Soren, piscando-lhe o olho. – Mas fica descansada que, a ti, ligo mais tarde.

Aria forçou uma risada atiradiça.

– Acho bem que sim – disse ela.

Paisley olhou para ambos desconfiada, sem saber dos planos de Aria. Acontecera qualquer coisa em Bliss e Aria sabia que Soren podia arrancar a informação ao pai dele.

Este rolou os ombros grossos, qual pugilista a entrar no ringue.

– Lá vamos nós, *Glitches*. Agarrem-se bem. Vamos disparar em três, dois...

Aria sobressaltou-se ao ouvir um som estridente no interior dos ouvidos. Uma parede encarnada desmoronou-se na sua frente. A dor apunhalou-lhe o olho esquerdo, espalhou-se-lhe depois pela cabeça, aninhou-se-lhe na base do crânio e disparou-lhe pela espinha abaixo, explodindo-lhe através dos membros. A rapariga ouviu um dos rapazes praguejar, aliviado. A parede encarnada desapareceu tão depressa quanto aparecera.

Aria pestanejou várias vezes, desorientada. Os ícones dos seus reinos preferidos tinham desaparecido, assim como as mensagens e as notícias, na





parte de trás e na parte debaixo do *Smartscreen*, deixando apenas a porta, que lhe apareceu baça, filtrada, através de uma película suave. A rapariga olhou para as botas, cinzentas, a cor que cobria Reverie por completo. Por que razão achariam o *cinzento* uma cor menos vibrante, menos enérgica?

Aria teve uma sensação de solidão apesar de estar com os amigos naquela pequena câmara, incapaz de acreditar que as pessoas tivessem vivido daquela maneira, em tempos, só com coisas verdadeiras, reais. Os selvagens *ainda* viviam assim.

– Funcionou – disse Soren. – Saímos! Somos de carne e osso!

Desgraça pôs-se aos saltos.

– Tal e qual como os selvagens!

– Selvagens! – gritou *Eco*.

Paisley não parava de pestanejar. Aria queria tranquilizá-la, mas não conseguia concentrar-se com *Desgraça* e *Eco* aos gritos naquele espaço tão pequeno.

Soren fez girar o fecho da porta. A câmara despressurizou-se com um silvo e uma lufada de ar frio. Espantada, já que não tocava em ninguém há meses, desde a ida da mãe para Bliss, Aria viu que Paisley lhe agarrara na mão.

– Até que enfim, livres – disse o rapaz, saindo para a escuridão.

No feixe de luz que saía da câmara, a rapariga viu os mesmos pisos suaves que percorriam Reverie em todas as direcções, mas cobertos de pó, marcados apenas pelas pegadas de Soren.

E se a cúpula não fosse segura? E se a Ag 6 estivesse cheia de perigos? Um milhão de mortes na Loja da Morte. Talvez o ar que lhe passava pelas faces tivesse um milhão de doenças. De súbito, Aria pensou que só inalá-lo era puro suicídio.

A rapariga ouviu os *bíps* de um teclado, vindos da direcção de Soren, viu umas luzes a tremeluzir seguidas de uma série de cliques sonoros e, de repente, abriu-se um espaço cavernoso à sua frente com sulcos de arado paralelos, muito certinhos, e, lá no alto, uma série de tubos e vigas, cruzando-se uns com os outros. Aria não viu qualquer buraco ou quaisquer sinais de destruição. Silenciosa e suja, a cúpula parecia apenas abandonada.

Soren deu um salto em frente da porta, abraçando o espaço.





– Se esta for a noite mais espectacular das vossas vidas, podem deitar-me as culpas.



A comida saía de uns montículos de plástico à altura da cintura, filas e filas de frutos e legumes sem folhas, sem solo e com pouca necessidade de água, geneticamente modificados, como tudo no Casulo, de resto.

Aria colheu um pêssago mirrado, retraindo-se ao ver a facilidade com que a pele ficou esfolada. Nos Reinos, a comida continuava a ser plantada, ou fingia ser plantada de forma virtual, em herdades enormes, ao sol, com celeiros encarnados. A rapariga lembrou-se do último anúncio do Olho Inteligente: *Melhor do que a Realidade*. Naquele caso, era verdade. A comida da Ag 6 era como as pessoas de idade antes dos tratamentos antienvelhecimento.

Os rapazes passaram os primeiros dez minutos a correr uns atrás dos outros, saltando por cima dos regos e atirando frutos uns aos outros numa brincadeira a que Soren deu o nome de *Bola Podre*. Aria juntou-se-lhes durante alguns minutos, mas, como o rapaz fizesse dela o alvo principal, desistiu e escondeu-se com Paisley atrás de um dos montículos até que ele mudou de jogo, encostando *Desgraça* e *Eco* à parede, estilo execução, e atirando-lhes toranjas, fazendo-os rir às gargalhadas.

– Chega! – gritou *Desgraça*. – Rendemo-nos!

– Rendemo-nos – imitou-o *Eco*, erguendo os braços como o irmão.

A malta fazia sempre o que Soren queria. O rapaz tinha prioridade nos melhores Reinos, onde até tinha um nome especial, SOREN 18, criado pelo pai no dia em que fizera dezoito anos, um mês antes, numa festa durante a qual os Tilted Green Bottles tinham actuado. Na última canção, o estádio fora inundado com água do mar e toda a gente se transformara em sereia ou tritão. Até nos Reinos, onde tudo era possível, a festa fora espectacular, desencadeando a febre dos concertos submarinos. Soren tornara as barbatanas caudais uma coisa sensual.

Era raro Aria andar com ele depois das aulas. O rapaz dominava os Reinos de desporto e de combate, onde havia campeonatos e tudo. A rapariga, junto com Paisley e Caleb, preferia os de arte e música.





– Olha para isto – disse aquela, esfregando as calças sujas de laranja.
– E não sai.

– Chama-se a isso nódoa – retorquiu Aria.

– E serve para quê?

– Para nada. Por isso não as temos nos Reinos. – Aria olhou para a melhor amiga, que parecia irritada, erguendo a sobrancelha por cima do Olho Inteligente. – Passa-se alguma coisa?

Paisley acenou com a mão em frente do seu Olho.

– Odeio isto. *Falta* tudo, percebes? Onde está toda a gente? E por que parece a minha voz tão falsa?

– Estamos todos assim, como se usássemos megafones.

– Mega quê?

– Megafones. Um cone que as pessoas usavam para ampliar a voz, antes dos microfones.

– Soa mais a mega-atraso – replicou a rapariga, pondo-se a andar em volta da amiga, endireitando os ombros. – Quando vais dizer-me o que se passa? Por que estamos aqui com *Soren*?

Aria apercebeu-se de que podia dizer à amiga, já que estavam desligadas, a razão por que andava a atirar-se a ele.

– Preciso de saber o que se passa com Lumina. Sei que Soren consegue arrancar informações ao pai dele. Aliás, é provável que já saiba qualquer coisa.

A expressão de Paisley suavizou-se.

– Se calhar o *link* está desligado. Vais ver que assim que o ligarem...

– Nunca esteve desligado tanto tempo.

Paisley suspirou, encostando-se a um montículo de plástico.

– Nem quis acreditar quando te puseste a cantar para ele naquela noite. E havias de ter visto o Caleb. Ele pensou que tinhas ido aos remédios da tua mãe.

Aria sorriu. Por norma, a rapariga calava a voz, guardava-a para a sua mãe, mas umas noites antes cantara uma balada apaixonada a Soren num *Cabaret* reino e minutos depois o Reino atingia a capacidade máxima, com centenas de pessoas a quererem ouvi-la. Depois, tal como ela esperava, Soren passara a andar atrás dela e, quando ele lhe propusera a ideia daquela noite, aproveitara a oportunidade.





– Tinha de o interessar – disse a rapariga, dando um piparote numa semente que tinha no joelho. – Falo com ele assim que acabar a guerra dos frutos e depois vamo-nos embora daqui.

– Vamos dizer-lhe que pare já. Dizemos-lhe que estamos chateadas... o que é verdade.

– Não, Pais – replicou Aria, consciente de que Soren não se deixava influenciar com facilidade. – Deixa-me fazer a coisa à minha maneira.

O rapaz apareceu de repente na sua frente com um abacate na mão, em cima de um dos sulcos, com os sapatos cheios de sumo e de polpa, assustando-as.

– Que se passa? Por que estão aí sentadas?

– Estamos fartas de *Bola Podre* – disse Paisley.

Aria encolheu-se, à espera da resposta do rapaz. Soren cruzou os braços e pôs-se a mexer o maxilar de um lado para o outro.

– Nesse caso, vai-te embora. Não, já me esquecia. Não podes. Adivinha quem vai continuar *farta*, Paisley.

Aria olhou para a porta da cúpula. Quando a fechara? Quem tinha os códigos era ele. E os dos Olhos Inteligentes também.

– Não podes obrigar-nos a continuar aqui, Soren – disse ela.

– As acções precedem as reacções.

– De que está ele a falar? O que quer ele dizer? – perguntou Paisley.

– Anda cá, Soren – gritou *Desgraça*. – Anda ver isto!

– Minhas senhoras, alguém requer a minha presença – disse o rapaz, atirando o abacate ao ar e afastando-se. Aria apanhou o fruto sem querer e ficou com a mão esverdeada e pegajosa.

– Quer dizer que é tarde de mais, Pais. Estamos aqui fechadas.



Mesmo assim, Aria foi ver a porta. O painel não respondeu. A rapariga olhou para o interruptor encarnado de emergência, ligado directamente à central; se o ligasse, os Guardiões de Reverie ajudavam-nos, mas também os castigavam. Se calhar, tirar-lhes-iam os privilégios e ela perderia a hipótese de falar com Soren por causa da sua mãe.





– Ficamos mais um pouco – disse. – Mais cedo ou mais tarde, eles vão ter de voltar.

Paisley atirou o cabelo para trás dos ombros.

– Está bem, mas posso dar-te a mão outra vez? Sinto-me mais nos Reinos.

Aria olhou para a mão estendida da amiga, agitando um pouco os dedos e pegou nela, lutando contra a vontade de a largar enquanto se aproximavam as duas do extremo da cúpula, onde os rapazes entravam por uma porta que a rapariga ainda não vira. Mais luzes e por um momento perguntou a si própria se o seu Olho Inteligente se tinha ligado e se estava a ver um Reino. Na sua frente, via-se uma floresta verde, maravilhosa. Aria olhou para cima e viu o tecto branco, por cima das copas, percorrido por uma confusão de luzes e tubos. Um terrário, apercebeu-se.

– Encontrei-o – disse *Desgraça*. – Sou ou não sou um campeão?

Eco afastou o cabelo do rosto com um movimento de cabeça.

– Bestial, meu. Irreal. Aliás, real.

Os dois irmãos olharam para Soren.

– Perfeito – disse este de olhar decidido, tirando a camisa, atirando com ela e correndo para o bosque, seguido por *Desgraça* e *Eco*.

– Nós não vamos com eles, pois não? – perguntou Paisley.

– Assim como eles, não.

– Deixa-te de brincadeiras, Aria.

– Olha para isto, Pais – replicou a rapariga, avançando. Uma floresta era uma tentação, ao contrário dos frutos podres. – Temos de ver como é.

Sob as árvores estava mais frio e mais escuro. Aria passou a mão livre pelos troncos, sentindo-lhes as rugosidades, esmagou uma folha seca e olhou para os ramos por cima da sua cabeça, imaginando que, se os rapazes se calassem, talvez os ouvisse respirar.

Aria não perdia Soren de vista enquanto entravam cada vez mais na floresta, à espera de uma oportunidade para falar com ele, tentando ignorar o calor húmido da mão de Paisley. Nos Reinos costumavam fazer aquilo, mas ali era mais embaraçante.

Os rapazes, depois de esfregarem terra na cara e no peito, corriam uns atrás dos outros com paus a fazer de lanças, fingindo serem como os selvagens que viviam no exterior.





– Soren! – gritou.

O rapaz, que passava por ela a correr, parou de repente de lança na mão, emitiu um grito de guerra, fazendo-a recuar e desatou outra vez a correr com uma risada.

Paisley parou, obrigando Aria a fazer o mesmo.

– Estou a ficar assustada – disse ela.

– Eu sei. Mas eles são sempre assim.

– Não estou a falar deles, estou a falar das árvores. Parece que vão cair-nos em cima.

Aria olhou para cima, apesar de não sentir o mesmo.

– Está bem, esperamos junto da porta – disse, começando a voltar para trás. Uns momentos depois, as duas raparigas chegaram a uma clareira por onde já tinham passado. Estavam perdidas. Aria quase desatou a rir devido ao ridículo da situação e, largando a mão da amiga, esfregou a sua nas calças. – Estamos a andar às voltas. Esperamos aqui pelos rapazes. Não tenhas medo, Paisley, continuamos em Reverie. Vês?

A rapariga apontou para o tecto e desejou não o ter feito. As luzes diminuíram de intensidade e tremeluziram por um momento.

– Diz-me que aquilo não aconteceu – disse Paisley.

– Vamos já embora. Isto foi uma ideia estúpida. – Os danos na Ag 6 teriam sido ali?

– *Desgraça!* – gritou Soren. – Anda cá! – Aria virou-se, vislumbrando-lhe o tronco bronzeado por entre as árvores; tinha de aproveitar a oportunidade; se se despachasse, podia falar com ele, mas tinha de deixar Paisley ali, sozinha.

– Vai, Aria. Fala com ele. Mas despacha-te – disse a rapariga com um sorriso trémulo.

– Prometo.



Soren tinha uma série de gravetos nos braços quando ela o encontrou.

– Vamos fazer uma fogueira – disse ele.

– Estás a brincar. Não acredito – replicou Aria.





- Somos Externos e os Externos fazem fogueiras.
- Mas continuamos cá *dentro*. Não podes, Soren, isto não é um reino.
- Exacto, temos hipótese de ver como funcionam as coisas a sério.
- É proibido, Soren. – Nos Reinos o fogo era uma luzinha cor de laranja que exalava um calor suave. Aria sabia, depois de anos e anos de exercícios de segurança no Casulo, que o fogo a sério devia ser diferente.
- Podes contaminar o ar, podes incendiar Reverie...
- Soren aproximava-se e ela calou-se. O suor fazia sulcos na terra que tinha na cara e no peito. Aria nunca vira suor na sua vida.
- O rapaz inclinou-se para ela.
- Aqui posso fazer o que me apetecer. *O que me apetecer.*
- Eu sei. E nós também, certo?
- Certo – respondeu Soren após uma pausa.
- A oportunidade de que estava à espera. Aria escolheu as palavras com cuidado.
- Sabes certas coisas, não sabes? Os códigos que nos permitiram entrar aqui... Coisas que não devíamos saber...
- Claro.
- A rapariga sorriu, pôs-se em bicos dos pés e disse-lhe ao ouvido:
- Nesse caso, diz-me um segredo qualquer, qualquer coisa que não devamos saber.
- O quê?
- As luzes tremeluziram de novo e Aria sentiu um baque no coração.
- O que se passa em Bliss, por exemplo – respondeu ela em tom casual. Soren recuou e abanou lentamente a cabeça, semicerrando os olhos.
- Queres saber notícias da tua mãe, não queres? Foi por isso que vieste connosco? Tens estado a *brincar* comigo, não tens?
- Aria não podia continuar a mentir.
- Diz-me só por que razão o *link* continua desligado. Preciso de saber se ela está bem.
- Soren olhou-lhe para a boca.
- Talvez te deixe convencer-me mais tarde – disse, endireitando os ombros e segurando melhor nos gravetos. – Por agora, o que quero é descobrir como é o fogo.





Aria regressou à clareira onde estava Paisley e encontrou também *Desgraça* e *Eco* a amontoar gravetos e folhas secas no centro do recinto.

– Têm estado a fazer aquilo desde que foste ter com Soren – disse a rapariga, correndo para ela. – Estão a tentar fazer uma fogueira.

– Eu sei. Vamos – replicou Aria. Moravam seis mil pessoas em Reverie, não podia deixar que Soren as pusesse em perigo.

A rapariga ouviu os gravetos a cair no chão e gritou quando Soren a agarrou por um ombro e a obrigou a virar-se para ele.

– Não te disse que daqui não saía ninguém?

A rapariga olhou para a mão no ombro, sentindo as pernas fracas.

– Larga-me, Soren. Não queremos meter-nos nisto.

– Tarde de mais – replicou ele, enterrando-lhe os dedos no corpo. Aria arquejou de dor. *Desgraça* deixou cair o tronco que arrastava, levantou a cabeça e *Eco* fez o mesmo, de olhos arregalados. As luzes reflectiam-se-lhes nas caras. Os dois irmãos também estavam a suar.

– Se fores agora embora, digo ao meu pai que a ideia foi tua. Com os Olhos Inteligentes desligados, é a tua palavra contra a minha. Achas que ele vai acreditar em quem?

– Não estás bom da cabeça.

Soren largou-a.

– Cala-te, senta-te e goza o espectáculo – replicou ele com um sorriso.

Aria sentou-se com Paisley na orla das árvores, com vontade de esfregar o ombro dorido. Nos Reinos, cair de um cavalo doía e torcer um tornozelo também, mas a dor era apenas um efeito especial, destinado a aumentar a emoção. Aquilo era diferente, como se a dor não tivesse limites, como se pudesse continuar para sempre.

Desgraça e *Eco* foram várias vezes à floresta buscar gravetos e folhas secas. Soren, com o nariz a pingar de suor, indicava-lhes onde pô-los. Aria olhou para as luzes, que pareciam aguentar-se, arrependida de se ter deixado arrastar para aquilo com Paisley.

A rapariga sabia que era arriscado entrar na Ag 6, mas não estava à espera daquilo e, aliás, nunca quisera fazer parte da panelinha de Soren,





apesar de precisar dele; nunca gostara das suas expressões faciais quando as pessoas se riam, como se não compreendesse um tal estado de alma, da maneira como arqueava o lábio superior depois de dizer qualquer coisa que achava particularmente inteligente, da maneira como olhava para ela de vez em quando, como se soubesse que ela não se deixava convencer com facilidade e de repente percebeu por que razão ele a intrigava tanto. Ali, sem a vigilância dos Guardiões de Reverie, Soren era ele próprio.

– Vou ver se arranjo maneira de sairmos daqui – murmurou ela.

– Chhh – replicou Paisley com o olho livre raso de água. – Olha que ele ouve.

Aria reparou nas folhas a estalarem-lhe debaixo dos pés, perguntou-se quando teriam as árvores sido regadas pela última vez e olhou para a pilha de gravetos, cada vez mais alta. Por fim, declarando a fogueira pronta, Soren levou a mão à bota, tirou umas pilhas e um fio eléctrico e entregou tudo a *Desgraça*.

Aria não acreditava no que estava a ver.

– Tu *planeaste* isto? Vieste aqui de propósito para fazer uma fogueira?

Soren sorriu.

– Entre outras coisas – respondeu.

A rapariga abriu a boca. O rapaz tinha de estar a brincar, estava só a tentar assustá-la por tê-lo quase obrigado a fazer aquilo, quando não tivera outra hipótese.

Os três rapazes juntaram-se. Soren resmungava:

– Tenta assim! O outro lado, estúpido! Deixa que eu faço!

Por fim saltaram os três para trás quando uma chama apareceu através das folhas.

– Fogo! – gritaram os três em uníssono.

